

CAYMMI, O PREGUIÇOSO

Entrevista a Amylton de Almeida

“O segredo de meu sucesso é o diálogo franco com o povo”



Caymmi se comoveu com a recepção do público capixaba

“Todo mundo cantou Marina comigo. E tava todo mundo afinado”, disse Dorival Caymmi pelo telefone, à sua mulher, Stella Maris, logo após sua apresentação, terça-feira à noite, no teatro Carlos Gomes. Aos 64 anos, ele continua se refugiando em seu apartamento em Copacabana, fugindo de uma série de problemas que a sociedade atual expõe à sua sensibilidade. E não se importa com o atual sucesso de mais um ritmo americano. Ele sabe que o povo sempre volta às suas origens.

Dorival Caymmi é um preguiçoso. Aos 64 anos, ele tem duas vezes o direito de descansar. Além da idade, possui toda uma obra dedicada ao povo de seu Estado natal, a Bahia, registrando comportamento, costumes, sensualidade e paisagem, de um modo descontraído como nenhuma obra ou outro agrupamento racial jamais foi registrado na música popular brasileira. Os títulos não desmentem. Começaram com *O que é que a Baiana Tem*, passando por *A Preta do Acarajé*, *Rainha do Mar*, *Promessa de Pescador*, *Noite de Temporal*, *Samba da Minha Terra*, *O Mar*, *O Vento*, *Conversa de Rua*, *É Doce Morrer no Mar*, *A Jangada Voltou Só*, *Você já Foi à Bahia*, *Requebra que eu Dou um Doce*, *Vatapá*, *Rosa Morena*, *Dora*, *Acontece que eu Sou Baiano*, *Vestido de Bolero*, *Nunca Mais*, *Só Louco*, *Nem Eu, Pescaria*, *Peguei Um Ita no Norte*, *Doralice*, *Marina*, *A Lenda do Abaeté*, *Saudade de Itapoã*, *Saudade, Adeus*, até *Mãe Menininha do Gantóis*.

Além disso, e de João Gilberto, ele é o único dos baianos que não recebe ataques pessoais e de quem não se cobra posição política ou postura artística. Tudo o que Caymmi faz recebe unanimidade. Ele sabe disso. Prefere descansar em sua casa em Copacabana, onde mora há 40 anos (vai à Bahia apenas para passear), evitando declarar coisas em meio à agitação que cerca outros artistas de sua terra, embora do lado particular ninguém tenha cobrado nada de sua família — seus filhos Nana (cantora), Dori e Danilo (compositores e arranjadores).

Uma postura muito diferente da época em que começou a atuar no rádio. O objetivo da luta era outro. Não exatamente ideológico:

— Eu tenho a impressão de que todas estas coisas são produtos de época. Vamos levar em conta que eu era jovem numa época em que as manifestações, as mais comuns, eram manifestações pela melhoria da qualidade da vida artística. Não tinha certamente um problema ligado à política, ostensivamente. Nós vivíamos, é verdade, sob um regime político em que havia um sistema que era moldado a tudo, o sistema da época dos anos 30. Quando eu fui eleito pela primeira vez, eu já encontrei aquele clima moldado. Apesar de ser um rapaz de ginásio e de estar ligado a muita gente jovem, companheira e amiga, nossos ideais eram divididos assim: cada grupo se dedicava à poesia, à literatura em geral, outro à música. Isto era o que nos absorvia naquele tempo. Não havia uma posição a tomar, no caso de ser um artista jovem, no Rio de Janeiro, como eu fui e comecei isto que sou hoje, no ano de 1938. Não encontrei problemas para ser inquirido abertamente em público e ter de opinar sobre isto e aquilo. Certamente, não havia condição de responder tudo sistematizado, neste sentido. E, de certa forma, nós tínhamos muita coisa a fazer pela música. Nós tínhamos que começar muita coisa que não havia começado. Nós tínhamos uma batalha. Eu tive uma batalha na mão, no Rio de Janeiro. Para ser o músico profissional que eu sou hoje, eu tirei o que tinha no bolso e pus para fundar a primeira sociedade de arrecadação de direito autoral no Brasil. Chamou-se ABCA — Associação Brasileira de Compositores e Autores. Esta foi a minha grande briga. Então, nossa briga nos cafés e nas esquinas, girava em torno da tomada de posição em defesa da música popular, do compositor popular que era um tremendo injustiçado. Esta foi a briga que encontrei. E admito que cada época tenha seus problemas, tenha suas razões e motivações. Naquela época eu era francamente um homem de província chegando ao Rio de Janeiro e me associei. Hoje os problemas de grupos são maiores, as tendências são outras. Em relação à Bahia eu não sei explicar nada, porque eu sou um morador do Rio há quarenta anos. Em relação à Bahia eu tenho o fato de que sou aquele cantor que na juventude compôs *A Lenda do Abaeté*, *Noite de Temporal*, *O Mar*, *O Pescador*, *Saudade de Itapoã*, e vim trazendo aquelas coisas todas do mar, aquelas histórias do homem em seu trabalho, coisas ainda desconhecidas no cancioneiro popular, e eu vim com esta contribuição. Então, eu não fui um elitista, e lentamente fui sendo absorvido por um público, por um sistema e por uma máquina. Eu fui um homem que veio fortalecer, mesmo que involuntariamente, uma briga contra a inoperância do direito autoral. Então começou a abrir a lei Getúlio Vargas. Nós fomos os fiscais de nossa própria música, que não tinha condições de pagar fiscais. Nós fomos a própria sociedade ambulante de nossos direitos, fazendo que o consumidor, o usuário de música, tivesse a

CADERNO DOIS

A GAZETA — VITÓRIA (ES), 30 DE NOVEMBRO DE 1978

Ver crítica, na página 3

“Hoje, se eu quisesse fazer uma música calcada em uma motivação da Bahia, certamente não encontraria razão. Porque nós vivemos asfixiados por um sistema antirespiratório, o negócio é a grande pressa do homem, é a grande luta pela vida, é a poluição, é a violência, é o crime, tudo isto não dá condição para que se sonhe. Nós precisamos mais de um pouco de lazer e sonho”.

mentalidade para entender o processo que a música que ele usava para seu divertimento, que ele usava para chamariz para sua casa era outra, era sujeita a um pagamento. Esta é a grande parte da luta que eu tenho em minha vida. Chama-se direito autoral. Com todos aqueles espinhos que tem em volta e que continuam hoje.

Este tipo de luta, não exatamente ideológica, não impede que Caymmi faça uma crítica, sempre elegante, ao vanguardismo de alguns baianos. Ele não entende a crítica que se faz indiscriminadamente aos que não assumem uma posição política ou aos que, ao assumir, elogiam o regime.

— Eu acho que o que está se fazendo aí não tem especificamente uma repercussão, não há um sonar que responda, porque só existe um fiscal e um receptor e um verdadeiro juiz para estas coisas, que é o povo, que consagra. A questão de se tomar posição e de exigir isto de uma artista não pode, muitos não podem fazer isto. Eu não acredito que se possa arregimentar grupos, que o sujeito se afilie, que se solidarize para atender. Não. O privilégio disto é do público, é do povo. O público pagante, sofredor, suado, este é o merecedor disto tudo. O meu segredo de sucesso — desculpe a imodéstia — foi o meu diálogo franco e aberto com o povo. Diálogo franco e aberto que eu chamo é uma tolice, mas eu direi assim melhor: O meu encontro com o povo foi através de palavras dele, da melodia dele. Tudo isto nos fez tão amigos que disso resultou o que comumente se chama de fama.

Assim, ele justifica o antigo ditado que diz: “Crie fama e deite-se na cama”. Como bom baiano, ele não quer nada mais que isto. O que pode ser um mérito, mesmo numa época em que o ritmo mais popular vem da América do Norte. A discoteca também é uma questão passageira. Não permanecerá. Logo-tudo mundo vai esquecer este ritmo e procurar outro. Mas a obra de Caymmi, por exemplo, será sempre lembrada. Ele sabe disto. E faz beijo antes de falar:

— Estes movimentos se repetem a cada quinze anos. Desde que eu me entendo por gente, antes de ser consagrado e ser chamado de compositor e cantor brasileiro, que eu sinto que a música brasileira é decorrente de influências de músicas estrangeiras. Europeias, por princípio. Nossas primeiras canções têm influências da música estrangeira, das operetas vienenses. Até se usou muito, indevidamente, letras brasileiras com música estrangeira e o direito autoral que ninguém sabia, não havia a Convenção de Berna a reclamar. O Brasil era um desconhecido, o Rio de Janeiro era capital de Buenos Aires, essas loucuras que diziam os contratos europeus. Então, não tem lógica o fato de se dizer que o Brasil... Enfim, a cada tempo muda a influência. De repente, entrou no Brasil a influência do disco, com peças inteiras de operetas das Broadway, com peças

Há quatro anos, Caymmi vem prometendo um disco à sua gravadora Odeon, mas nunca se dispõe a gravar, por preguiça

“Não foi Carmen Miranda quem me lançou. Isto é uma lenda. Eu cantava na rádio Nacional e a Mayrink Veiga me convidou para cantar em sua estação quando ela voltasse de suas férias. Então simularam um lançamento aí. Mas eu já estava lançado antes de Carmen Miranda”.

inteiras de Bing Crosby, Ross Columbo. Já havia o mercado brasileiro, para os americanos, e para os europeus, que nos davam um cavalier. Depois, com um pouco do cinema americano absorvendo o mundo todo, entrou um pouco de Jena Sablon e até Edith Piaf, etc. Música italiana sempre teve seu lugar e sempre influenciou a música brasileira, como *Torna a Sorrento*, *Santa Lucia*. Nós, quando reservamos a nós o direito de nossa música, nós fizemos um bonito negócio, mas com influências estrangeiras. Nossa música popular tem muita influência do *fox-trot*, do *black bottom*, do blues, não o blues negro do campo, mas o fox blues, como depois passou a ter do swing, do hully-gully até chegar ao rock and roll e hoje pelo audiovisual você vê hoje o que vê na discoteca, que é uma repetição daquelas coisas psicodélicas, que também já se fez nos cassinos. Até o ano 45 se experimentou um pouco dessa novidade da técnica teatral, de luz negra, de isto, daquilo, de coisa e outra. Não tem novidade nenhuma nisso.

Naquela época, quem reinava nos cassinos era Carmen Miranda, um mito brasileiro, hoje desprezado aqui e muito lembrado nos Estados Unidos, onde fez a maior parte de sua carreira. Caymmi foi amigo de Carmen, mas desmente uma lenda, que insiste em afirmar que foi ela quem o descobriu, ao escolher a música. **O que é que a Baiana Tem?** para incluir num filme carnavalesco que o americano Wallace Downey rodava em 1938, no Rio.

— Isto é uma lenda que existe aí. A Carmen Miranda, de fato, foi uma moça,



tive um amigo, médico obstetra que foi um grande animador de rádio, o Paulo Roberto. Ele se dedicava com muito mais paixão ao rádio do que à medicina. Meus filhos são até um pouco diferentes dos outros. Porque eu sei de filhos e alguns colegas que tentam isto e não chegam ao ponto que chegaram os meus. Eu não estou sendo pai coruja, estou apenas dando uma informação que eu admito.

Outro motivo que Caymmi tem para se esconder e descansar é a transformação social do país. Ele sabe que a Bahia de hoje é outra, que o regime é outro, que as coisas estão se modificando. Não de uma maneira que ele queria:

— Eu creio que só um milagre faria eu mostrar a Bahia de hoje ou qualquer outro lugar, com a mesma naturalidade com que eu via a lagoa do Abaeté, as areias de Itapoã, etc. Havia naquilo um lirismo muito especial, muito da minha idade, daquela fase, tudo isso muito bonito. Mas a criação foi muito espontânea. Hoje se eu quisesse fazer um trabalho, uma obra, uma página musical calcada em uma motivação deste tipo certamente não encontraria razão. Porque nós vivemos asfixiados por um sistema antirespiratório, o negócio é a grande pressa do homem, é a grande luta da vida, é a poluição, de que se queixa, é a violência, é o crime, é a tônica dos jornais constantemente, tudo isto não dá condição para que se sonhe. Nós precisamos mais um pouco de lazer e sonho.

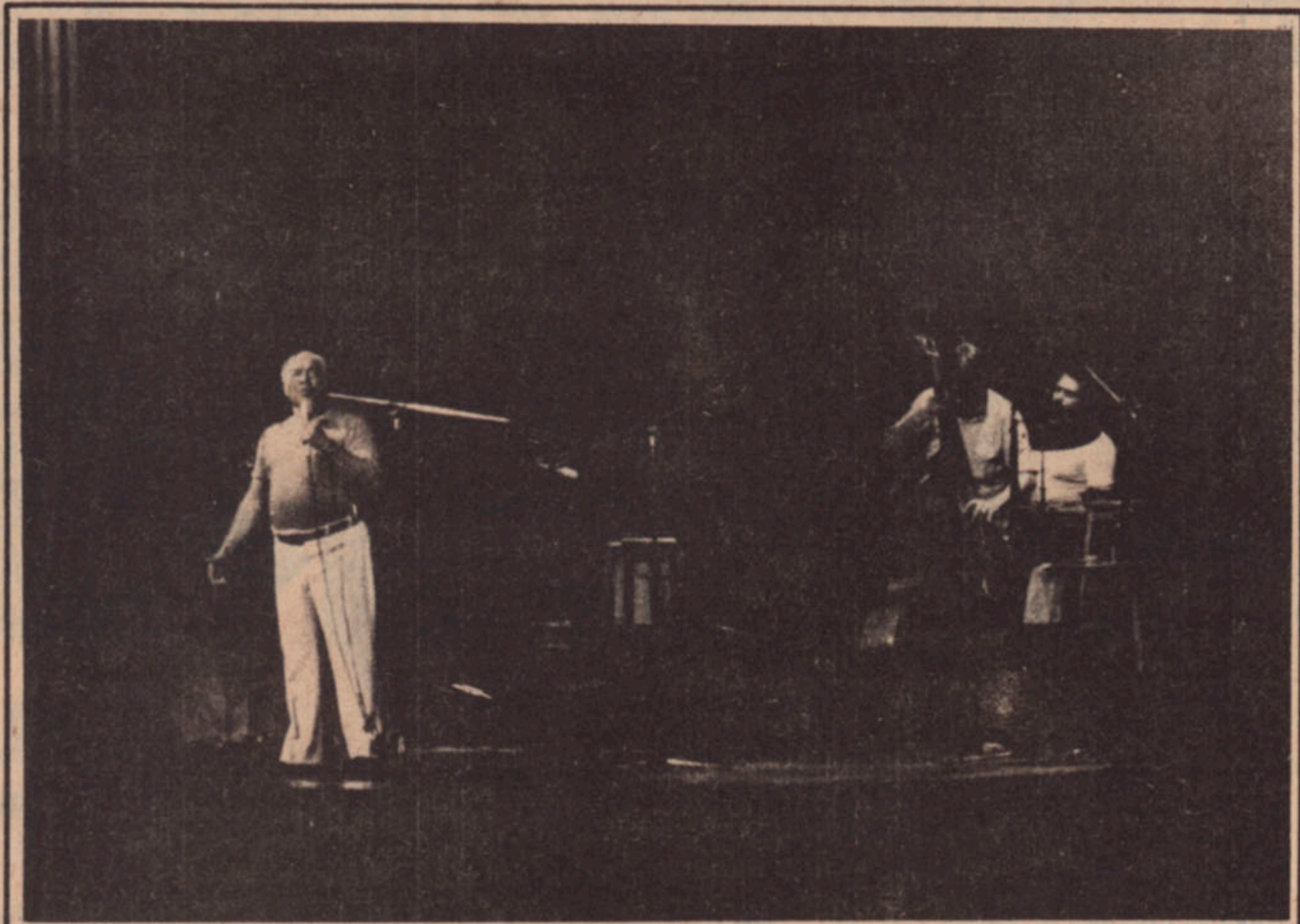
Apesar deste panorama, Caymmi tem um sonho, uma aspiração. De preferência que não o obriguesse sair de seu refúgio em Copacabana e de seu passeio às origens baianas:

— Quero ficar cada vez mais recuado para dentro deste repouso, e do meu lazer. Eu tenho uma tendência à preguiça, a não gostar do trabalho (riscos). Quem diz isso são meus amigos. Mas eu tenho realmente uma tendência a me recolher, para me descobrir assim em bom estado de espírito. Hoje é difícil encontrar este estado de espírito porque a luta é muito grande, mas eu continuo lutando para criar esta condição para a partir daí partir para o meu objetivo. Eu quero fazer um disco de canções novas. Tem uma parte pronta, adiantada, em fragmentos. Pode me aparecer de repente uma *Maracangalha*, uma *Mãe Menininha*, que foram feitas de repente. Eu não tenho músicas novas, tenho apenas fragmentos.

Mas é possível que este disco demore a sair. Há quatro anos que ele está prometendo fazê-lo, à sua gravadora Odeon. Caymmi não tem pressa. Ele sabe que tem direito ao descanso e à preguiça, que sempre serão reconhecidos pelo público. Tanto que em sua apresentação na última terça-feira, no teatro Carlos Gomes, recebeu à entrada uma apoteose que o emocionou. Ficou tão maravilhado que telefonou logo após a sua mulher, no Rio:

— Todo mundo cantou *Marina* comigo. E tava todo mundo afinado!, disse ele.

“O que você vê hoje na discoteca é uma repetição daquelas coisas psicodélicas, que também já foram feitas nos cassinos. Até o ano 45 se experimentou um pouco dessa novidade da técnica teatral, da luz negra, de isto e aquilo. Não tem novidade nenhuma nisso”.



Dorival Caymmi num espetáculo memorável com Gilberto Garcia e trio

A simplicidade de Dorival Caymmi, com Gilberto Garcia, no show do ano da temporada

Sem tirulufas, estrelismo ou a verborragia incontrolável que costumou se instalar no palco do Teatro Carlos Gomes em outras apresentações da série, Dorival Caymmi se juntou na noite de terça-feira ao capixaba Gilberto Garcia e seu trio — Afonso Abreu (baixo) e Marco Grijó (bateria) — para realizar um espetáculo perfeito no Projeto Muqueca, dos raros em que artista e público se entendem como dois velhos conhecidos num reencontro.

Ao contrário de sua apresentação na série Noites Capixabas do ano passado, Gilberto Garcia não se excedeu em explicações que muitas vezes cansam o público, fez o que todos esperavam: música. O mais importante é que o pianista-compositor-cantor não se limitou a cantar e tocar a seleção romântica e conhecida, abrindo o espetáculo com quatro composições de sua autoria (três apenas instrumentais, uma com letra) — **Solidão em Mim, A Paz do Amor, Tema pro Afonso e Negro dos Teus Olhos** — todas de ótimo nível e que desmentem sua confessada condição de compositor apenas eventual.

Com a seleção que apresentou a seguir, Gilberto comprovou novamente sua condição de excelente e sensível instrumentista e cantor, tocando e interpretando um repertório eclético que incluiu o romântico **Nem Eu**, um dos clássicos de Dorival Caymmi, o bossanovista **Tristeza de Nós Dois**, com ótimo desempenho do trio, o samba **Meu Amor Chorou** e o reminiscente **Melo Mastro**, sucesso de Tina Tironi, um dos compositores capixabas revelados na fase dos festivais. Como surpresa da noite, Gilberto revelou um insuspeitado compositor ao anunciar, quase no final de sua parte no espetáculo, que ia apresentar **Todo Amor**, de Marien Calixte, um tema que, antes de mais nada, trai a influência de muitos anos em que o criador bissexto ouviu (e continua a ouvir) jazz — uma valsinha com clima e formato nitidamente jazzísticos.

Ao apresentar **João Valentão**, outro dos grandes itens da obra do compositor baiano e dos muitos clássicos que ele legou à música popular brasileira, Gilberto Garcia introduziu ao palco Dorival Caymmi, recebido com intensa ovação

pelo público que lotou inteiramente o Teatro Carlos Gomes, formado por jovens, adultos, gente que representou praticamente todos os extratos sociais de nossa cidade. Era o início de um dos mais emocionantes shows mostrados este ano no velho teatro que, na noite anterior abrigara o carregado e melancólico tango de Piazzolla.

Já nos primeiros números, ouvia-se boa parte do público acompanhar Caymmi que, com seu violão e a voz forte, inconfundível e carregada de emoção, cantou duas de suas famosas canções praeiras embebidas do velho tema e amigo — **É Doce Morrer no Mar**, com uma menção e tributo ao parceiro e compadre Jorge Amado, **O Mar** — além de **Rosa Morena** e a mística **Iemanjá**.

Com **Marina**, o público rendeu-se inteiramente ao dengue e à simplicidade de Caymmi, um dos poucos criadores de música no país que podem ser classificados de gênio com toda a força do adjetivo, de unanimidade nacional, de patrimônio artístico, e felizmente vivo, da MPB. Estabelecendo um clima amoroso que cresceria e seria mantido até o final, o que se viu e ouviu foi toda a platéia transformar-se espontaneamente, sem qualquer solicitação, num caloroso e afinado coro acompanhando Dorival Caymmi nos números **Marina, Peguel Um Ita no Norte**, o compositor baiano sentindo-se à vontade para se dirigir ao público chamando todos de "meus capixabas do peito", com seu jeito bonachão e característico.

Antes de apresentar os dois números seguintes, Dorival explicou rapidamente que ambos eram profundas canções de amor — a primeira, a nova **Sargaço do Mar**, à Iemanjá, Rainha do Mar; a outra uma canção de ninar que criou a partir de um tema folclórico, dedicada a Nana, sua primogênita. Para encerrar aquilo que podemos considerar "o show do ano de Vitória", Dorival Caymmi convocou Gilberto Garcia e seu trio para apresentar a abertura de sua **Suíte dos Pescadores**, também acompanhada em coro por todo o público, que se despediu do compositor com longos aplausos e relutou um pouco em deixar o teatro, talvez não acreditando que o espetáculo tivesse terminado (**Osmar Silva**).

Caymmi grava novo Lp, cozinhando há quatro anos

Depois de muitos anos sem gravar, Caymmi já avisou à Odeon que vai realizar ainda este ano seu novo registro, um dos raros em sua longa carreira e, por isso, já aguardado com muita expectativa. Logo após a consagrada apresentação no Projeto Muqueca, o compositor baiano falou sobre esse seu novo trabalho.

— Este novo Lp está cozinhando há quatro anos, explicou Dorival com bom humor. Acontece que há uma "conspiração" lá em casa, sou espionado por uma espécie de CIA familiar. Se vou ao banheiro e cantarolo alguma coisa, a Stella (mulher de Caymmi) cola o ouvido à porta e manda apanharem o gravador. Depois me pergunta 'esta é séria? hum, está boa'. Se faço alguma música nova, o Dori e o Danilo chegam pra mim e dizem que a Nana está precisando dela para encaixar num disco.

— **Sargaço do Mar** eu cantei no show que fiz com a Gal Costa há dois anos e ela só não gravou porque quando eu a cantava chegava bem perto dela, fazia a maior cara feia para intimidá-la.

Esses shows foram das coisas mais loucas que já fiz, foi a primeira vez que me cobriram de vidrilhos — o Guilherme Araújo, que é um cara muito chegado a paetés. Na estréia, quando subi no palco com aquela roupa, a família na platéia me olhou, todo brilhante, e disse: "É ele mesmo, pessoal". Um vexame.

Por esses problemas de repertório novo — ele sempre compôs muito devagar, de forma quase artesanal —, Dorival ainda não pôde gravar seu novo Lp nesses quatro anos, um disco que se somará aos poucos que realizou, preciosas raridades (**OS**).